



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

Entrevista ao Jornalista Paulo Henrique Amorim, da Rede Globo de Televisão, em 30 de Setembro de 1990

Jornalista: O Presidente Bush teve que voltar hoje correndo a Washington para fechar as negociações em torno do orçamento dos Estados Unidos. Ele cancelou quatro compromissos que tinha aqui em Nova Iorque, inclusive um com o Primeiro-Ministro da Espanha, Felipe Gonzalez, mas ele voltou a Nova Iorque para se encontrar com o Presidente brasileiro. Presidente Collor, o que o senhor tratou hoje com o Presidente Bush?

Presidente: Foi um encontro extremamente positivo e que serviu para reforçar os laços que o Governo brasileiro mantém com o governo americano. Temos posições quase que coincidentes em alguns temas. No que diz respeito ao nosso comércio exterior, há uma posição também simpática dos Estados Unidos no que se refere à questão da dívida externa...

Jornalista: Simpática?

Presidente: É. Simpática no sentido de que ele entende que realmente a questão da dívida dos países do Terceiro Mundo deve

ter um tratamento menos draconiano por parte dos bancos. Ele entende que deve ser encontrada uma fórmula mais confortável, que permita aos países devedores voltar a pagar a sua dívida, sem que isso venha a sacrificar o seu crescimento interno, o seu crescimento econômico.

Jornalista: O senhor tratou do Golfo Pérsico com o Presidente Bush?

Presidente: Sim. Não da participação do Brasil, porque conforme eu já lhe havia informado, o Brasil não se dispõe a mandar nenhum navio, nem armamento, para participar do bloqueio, do embargo que vem sendo promovido. Isso nem foi tratado. Fundamentalmente, quando se tocou na questão do Golfo Pérsico, houve de minha parte o lamento de que esta década, que prenunciávamos fosse de paz e de prosperidade — haja vista os eventos da Europa do Leste com a queda do autoritarismo —, tenha sido, de alguma forma, manchada pela atitude tomada pelo Iraque de invadir, de quebrar a soberania de um Estado, tumultuando de uma forma extremamente danosa o equilíbrio e a paz internacionais.

Jornalista: Como é que está a situação dos brasileiros em Bagdá? Ontem o Rei Hussein da Jordânia prometeu-lhe que os últimos brasileiros receberiam o visto de saída em 48 horas, ou seja, amanhã. O que se sabe hoje sobre isso?

Presidente: O Rei da Jordânia foi extremamente simpático e generoso com o Governo brasileiro quando devolveu a ligação que eu lhe havia feito, solicitando sua interferência para a liberação, o mais rapidamente possível, dos 82 vistos que estariam faltando. Ele disse que voltaria a ligar no dia seguinte. Poucas horas depois, ele retornou a ligação, já com uma resposta, dizendo que havia entrado em contato com autoridades iraquianas, que havia falado com o Chanceler iraquiano — o Chanceler inclusive estava lá em Amã naquele dia — e que eles haviam informado que o problema que estava ocorrendo com os 82 vistos era meramente burocrático, questão de papéis, questão de carimbos ou

coisa assim. Ou seja, não há nenhum impedimento de ordem política, nenhuma dúvida de que os vistos serão concedidos. Pelo que me disse o Rei da Jordânia, com a autoridade de interlocutor absolutamente confiável, dentro das próximas 48 horas, a contar daquele instante, ou seja, ontem, já estaria sendo providenciada definitivamente a questão dos vistos para os 82 brasileiros que ainda não os tinham.

Jornalista: O senhor sai daqui dos Estados Unidos com a sensação de que vai ou não vai haver guerra no Golfo Pérsico?

Presidente: Essa é uma pergunta que eu gostaria de responder com a certeza de que não haveria guerra, mas infelizmente não posso fazê-lo. O cenário é preocupante, o cenário é muito preocupante. A escalada é uma escalada típica de uma conflagração total. Nós esperamos que isso não venha a ocorrer. Nós esperamos, sinceramente, que essa questão seja resolvida pelos canais políticos e diplomáticos de que dispomos. Afinal, vivemos num mundo dito civilizado e precisamos mostrar que somos realmente civilizados. Então, é necessário que haja exatamente condições para que a política, para que a diplomacia utilizada possa, se Deus permitir, colocar um ponto final nessa crise, para que não tenhamos que assistir pela televisão e pelos noticiários a mais um conflito gerando morte, gerando dor, gerando sofrimento. Nós queremos é a paz, a liberdade e a justiça.

*Entrevista concedida ao
Jornalista Paulo Henrique Amorim,
da Rede Globo de Televisão, por
Sua Excelência o Senhor Fernando Collor,
Presidente da República Federativa do Brasil,
em Nova Iorque, EUA,
no dia 30 de setembro de 1990.*